

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS: Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

Cooperativa “a Previdente,”

No dia 20 de janeiro passado, nas notas do Notário sr. dr. Victor Castro foi lavrada a escritura desta sociedade Cooperativa de Consumo; foi-lhe assim dada forma legal. No dia 1 de fevereiro abriu a sua loja de mercearia e nos dias seguintes tem mantido o movimento de vendas do primeiro dia, de tal modo que excede toda a expectativa. Sabemos que nesta máquina comercial faltam ainda peças apropriadas para funcionar facilmente e a contento de todos os sócios. Não descurámos o caso e bom é que os srs. sócios tenham em consideração que este organismo, como todos, depende do exercício para atingir a sua maior perfeição. A Cooperativa ha-de viver e viver vida sadia e robusta, ha-de alargar-se, embora peze quem só vivia bem, sem a sua criação. Já hoje o publico, mesmo o alheio á Cooperativa, está gosando das vantagens da sua criação. O assucar já não é misterio e pago pelos olhos da cára; o bacalhau já pôde descer e o toucinho também. O publico que olhe bem para estas cousas e veja que só agora se pôde vender o assucar de pilé a 440 porque assim o pôz á venda a Cooperativa. Pouco nos importam estes jogos malabares. O socio da Cooperativa tem sempre vantagem sobre aquele que a não é: Não é enganado nem no preço nem na qualidade do artigo, e tem, além disto, a vantagem enorme que o comerciante livre não pode dar-lhe—O dividendo—os lucros da Cooperativa pertencem ao socio. Esta é a baliza que o Comercio livre não pode transpor.

Iremos andando; por ora estamos na infancia, mas temos já a certeza de que os bons tempos de especulação estão passados.

Enquanto não podem mandar-se imprimir os estatutos da sociedade, resolvemos solicitar a sua publicação nos jornais mais lidos da localidade para que deste modo os srs. socios possam desde já conhecê-los.

RODRIGUES ARAGÃO.

D. Francisco Gomes

S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. Antonio Barbosa Leão, illustre Bispo do Algarve, dignou-se oferecer ao director deste jornal um magnifico retrato do Venerando Bispo D. Francisco Gomes do Avelar, o grande benemerito do Algarve, e a «Memoria» do Congresso realizado em sua honra, no primeiro centenario do seu falecimento (1816—1916) e que S. Ex.ª Reverendissima tão patrioticamente organizou para glorificação do insigne principe da Igreja e grande português que foi D. Francisco Gomes do Avelar.

São dois valiosos documentos para a bibliografia do insigne prelado e que desvanecidamente agradecemos a S. Ex.ª o sr. Bispo do Algarve.

—A camara Municipal de Lagos pediu providencias ao governo acerca do estado de assoramento da barra daquela cidade, de modo que por ela não podem já passar nem as mais pequenas embarcações, nem a maré vazia, o que prejudica enormemente as armadas, cercos e a industria de conservas de peixe.

Cruzada das Mulheres Portuguesas

Importante donativo

A Mademoiselle Maria Guimarães Pala, dedicada propagandista da benemerita e patriótica instituição que é a Cruzada das Mulheres Portuguesas, foi enviada pelo sr. Lyster Franco, em 5 do corrente, em titulos postais, o importante donativo de 15 escudos, honrosa incumbência que a este sr. fora conferida por uma Gentilissima Leitora de «O Heraldo», que fez acompanhar a sua valiosa dádiva por uma carta, redigida em termos altamente penhorantes para nós e em que havia as seguintes palavras:

...«Transmita por mim á dignissima Vogal da Cruzada das Mulheres Portuguesas, Mademoiselle Maria Guimarães Pala, o maior voto de prosperidade pelo engrandecimento da Cruzada e a minha humilissima adesão para tão util fim. E' a valiosissima propaganda do seu muito conceituado jornal que devo este insignificante impulso do coração. Espero dever-lhe mais o favor de um absoluto segredo, não declinando o meu nome».

Cumprindo muito gostosamente a grata incumbência da Gentilissima Anónima, Espírito tão irmão do nosso pelo seu patriótico sentir, aqui deixamos consignados os nossos agradecimentos e os mais sinceros votos pela felicidade de Quem assim tão nobremente accorreu a secundar com o seu valioso donativo a mais benemerita iniciativa que nestes ultimos tempos tem aflorado neste país.

Crónica citadina

O CARNAVAL

Foi proibido o carnaval!

Durante as noites tristes deste Fevereiro inconstante como uma mulher nervosa, ninguém verá as ruas pedradas de mascaras e de folhões a atroar em nossos ouvidos com os seus agudissimos falsetes.

Foi uma proibição natural, logicamente imposta pelo bom senso de todos.

De resto, essa grande personalidade chamada «Toda a gente» já formara lenção, muito intima, muito recatada, de não brincar, este ano o entrudo.

Mas eis que o Governo, numa rajada de bom senso muito de apreciar nestes tempos de loucura colectiva que vão correndo, se lembra de proibir as brincadeiras carnavalescas e logo Madame Folia, despeitada, se amia, chora, guincha, arrepele-se e vai a occultas, puchando seus cordelinhos para obter a revogação de tão salutar medida.

E o caso torna-se feio. Ha duelos entre jornalistas e empresários teatraes, scenas de pugilato, entre cangalheiros e homens que vendem bisnagas! Um inferno!

Mal empregadas energias gastas numa causa tão pouco interessante e ingloria!

Sim, porque, na verdade, todos sabem muito bem que é impossível—mas completamente impossível—proibir o carnaval neste paiz onde ele tantas e tão diversas formas reveste.

Sim! porque bem deviam lembrar-se todos os defensores do irrequieto Entrudo que o reinado deste era afinal, um tempo estupidamente insipido em que toda a gente labutava na ansia de enfastiar-se... fingindo que se divertia!

LYSTER FRANCO.

AO sr. Ministro do Trabalho

Em nome dos nossos presados correligionarios de Santa Barbara de Nêxe lembramos S. Ex.ª que já á tempo de se realizarem as promessas relativas á criação do giro rural daquela localidade, melhoramento de grande alcance e de ha muito solicitado e... prometido.

Ludovico de Menezes

Em serviço profissional, visitou ha pouco esta provincia, demorando-se alguns dias em Faro, o illustre escritor e critico de Arte, sr. Ludovico de Menezes, que conta inumeros e dedicados amigos em todo o Algarve.

Dr. Antonio José de Almeida



publicanismo que distinguem e prestigiam a individualidade do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Dr. Rodrigues Davim

O illustre Poeta dr. Rodrigues Davim, dignissimo Presidente do Instituto Arqueologico do Algarve e nosso muito prezado amigo, teve a gentileza de nos oferecer um exemplar do seu magnifico discurso proferido na sessão inaugural daquela colectividade scientifica, em 30 de Dezembro de 1915.

E' um trabalho consciencioso a que o auctor transmitiu o costumado brilho das suas produções literarias, em que se reflecte sempre a sua nobilissima alma de artista.

Felicitamos muito cordalmente o sr. Dr. Rodrigues Davim e agradecemos, muito penhorados, a sua valiosa oferta.

O ALGARVE

«Do Alentejo para o Algarve, a transição faz-se bruscamente.

Para o norte, a charneca arida, inculta, tapetada de matos altos, coberta de estevas seculares. Ao meio a Serra de Odemira, pouco elevada, alastrando em diagonal, indo morrer dum lado em Monchique e perdendo-se para o outro em sombra e em bruma para as bandas de Faro. Para o sul, a terra vermelha toda cultivada, as fazendas pequeninas resguardadas por paredes baixas, a figueira, a oliveira, a amendoeira e a alfarrobeira crescendo em toda a parte, como arvoredos abençoados, de cujas ramarias tomam a felicidade, a sombra, a beleza e a riqueza. O contraste entre a paisagem alentejana, triste e calcinada, e essa outra paisagem algarvia, que não tem nada de imponente, mas que possui, em compensação, a delicadeza timida dos panoramas japoneses, é flagrante. Ao desembocar-se no Algarve, o coração desopprime-se e os pulmões, dilatando-se, respiram com delicia o ar embalsamado e fresco que nos envolve de repente. S. Bartolomeu de Messines, branca de neve, é um sorriso amplo, a acolher quem chega. Fiz a minha primeira viagem ao Algarve em Fevereiro. Chovera todo o dia. Passado o tunel que estabelece a comunicação ferroviaria entre as duas provincias, abandonada a estação de Messines, dei-tei a cabeça de fóra da carruagem, a ver se o tempo mudara. Era noite alta. Fazia um luar delicioso. A escuridão pesada de aquele dia de inverno succedera uma verdadeira apoteose de sonho. Toda a terra estava branca—branca de luar, que nunca meus olhos tinham visto outro mais claro, e branca de qualquer coisa

que á primeira vista me pareceu um denso nevoa, afirmei mais a vista. Procurei desvendar o misterio perturbador. E reconheci então que tinha caído na terra das mouras encantadas, em plena festa da amendoeira, quando essa arvore esgrouviada, pequenina e timida, desafiando os ventos e as geadas, faz sair de cada raminho debil uma grinalda infinitamente casta, feita de leite e de neve. Sobre o Algarve dir-se-ia que nevava durante uns poucos de dias. E a ilusão perdurou por largo tempo, de Messines a Tunes, de Tunes a Portimão, e de Portimão a Lagos, que foi onde nessa encantada noite terminou a minha viagem. O Algarve florido é qualquer coisa de infinitamente sedutor, para que em meia duzia de linhas se possa dar uma idea exacta de tão grande maravilha. Só no Japão deve haver maior apoteose á flor, que canta e ri por toda a parte nessa provincia riquissima, dissolvendo-se em bruma de encontro á que a dilue, luz tão fina e tão penetrante que não ha petala que lhe resista.

Adelino Mendes.

(Da conferencia «A Terra Portuguesa».

Leilão Hausmann

Iniciou-se no passado domingo e continúa hoje o leilão judicial do mobiliario e objectos de arte do subdito austriaco Adolfo Hausmann, antigo professor da Escola Industrial desta cidade.

O leilão foi muito concorrido tendo o sr. Lyster Franco adquirido quasi todos os trabalhos artisticos daquelle seu prezado amigo e ex-colega, infelizmente atingido pelas disposições legais provocadas pelo estado de guerra.

Capelães Militares

Sua Ex.ª Rev.ª o sr. D. Antonio Barbosa Leão, illustre bispo do Algarve nomeou a seguinte comissão central, destinada a angariar recursos para garantir assistência religiosa aos nossos soldados em campanha, e ainda para occorrer a outras necessidades provenientes das consequências da guerra: Presidente—o Arcebispo Manuel Alexandre da Silva. Tesoureiro—dr. José dos Ramos Bentes. Secretario—Conego Marcelino Antonio Maria Franco. Vogais—dr. Antonio Batista Delgado, Prior José Bernardo da Veiga e Prior João Bernardo Mascarenhas.

No tribunal desta comarca foram absolvidos os implicados nos motins de S. Braz de Alportel.

—Deixaram a redacção do «Mundo», que passou a nova empresa, os redatores daquelle jornal srs. Luis Derouet, Gregorio Fernandes, Alberto Barbosa, Santos Vieira, e José do O'.

O Poeta João Penha

Passados os tempos dificeis, João Penha matriculou-se em teologia, como o seu glorioso homonimo João de Deus, passando depois para a faculdade de direito onde afinal se formou.

Liberto emfim de todo o receio pôe, á vontade, percorrer o sujo labirinto das encruzilhadas da cidade baixa de Coimbra. Ninguém sabia, como ele, onde havia o melhor vinho da Bairrada, onde se frigia peixe com mais pericia, e onde se esbarronava—uma expressão de ele—meia duzia de ovos. Entre os freguezes de João Penha havia predilectos: o Homem do Gaz, o Varão de Luxemburgo, o Conselheiro Rodrigo e a Camêla, a famigerada Camêla. Os tres primeiros eram na cidade baixa, a ultima na alta.

O Luxemburgo era uma taberna vésca cercada de arvoredos, e cortada, ao norte por uma vala onde corriam aguas turvas. Para se penetrar no Luxemburgo atravessava-se uma ponte de pedra estreita e escorregadia. Era perigosa aquela entrada.

—O perigo rebustecia o animo, dizia Barreto, companheiro assíduo de João Penha, e hoje medico de grandes creditos em Setúbal.

Ora uma vez, na volta do Luxemburgo, Campos de Carvalho, sectario ardente de Prudhon, inimigo irreconciliavel de reis e de monarcas e autor de um panfleto intitulado—O Senhor D. Pedro II—escorregou nas pedras da ponte e caiu nas aguas da vala.

Houve um grande sobressalto nos individuos que tal presenciaram: João Penha tirou do canto do olho o monóculo—caso grave,—limpou-o cuidadosamente e ficando de novo vidrado:

—Quem foi que desceu á vala? perguntou.

—Fui eu que escorreguei, respondeu o assarapantado Carvalho, que subira não sei porque arte pela ribanceira ingreme e resvaladica. Por esta é que eu não esperava. Eu que atravessei o Atlantico, que tenho percorrido todos os mares, estive a pique de me afogar nesta poça de lodo.

João Penha ouviu este dizer lamentoso, abanou a cabeça meditativamente e, tomando uma resolução violenta, dirigiu-se de novo para a taberna. O taberneiro estava á porta.

—Viu o que succedeu? indagou João Penha.

—Vi sim senhor.

—Poi, meu amigo, entre nós... o vinho acabou.

E nunca mais se ouviram acaloradas discussões sob as olaias em flor do Luxemburgo, a freguesia fugiu daquelle lugar como de um sitio nefasto, e João Penha quando por ali passava, repelia sempre pondo os dedos em cruz.

—En te esconjero, mafarrico!

O Homem do Gaz ficou sendo o centro, o ponto de reunião de todos os moços, que mais se distinguiam pelo talento, pela insucação e pela verve: Na sala do Homem do Gaz appareciam, entre outros Bernardino Machado, Marçal Pacheco, J. Frederico Laranjo, Julio de Vilhena, Augusto Rocha, Teixeira de Queiroz (Bento Moreau), Guerra Junqueiro, o poeta do D. João, Simões Dias, o provençal das Peninsulares, Candido de Figueiredo, o pintor dos Quadros Cambianes, Luiz de Andrade, o insigne caricaturista, Eduardo Cabrita, ingenho como uma criança, borracho como Sileno, poeta, e tão artista, esconuido e esquecido hoje numa aldeia do Alentejo, Aves de Moraes o feroz trausmontano que escreveu um livro socialista Morte á morte, Barreto possuidor de um uraz apologetico que discretamente sobre tudo e muitas cosas más, sobre musica, sobre a patria, sobre a armação de navios, sobre astronomia, sempre com a mesma voz velada, sumida e discreta, o sagacissimo Sergio de Castro, Alberto Braga, um conversador impagavel, o brasileiro Francisco Machado e o pai Carvalho, antigo governador civil do Funchal, que indo visitar um neto a Coimbra e tencionando demorar-se sómente dois dias, ao ser apresentado ao Sinedrio tal gostou e tanta pilheria lhe achou, que ergueu a tenda em Coimbra e por lá andou a rir, a rir, até que morreu...

Forasteiro que chegasse a Coimbra e trou-

GENTE NOVA

Saudade

Ao «Além» do «Ceu» em Fogo

— Mario de Sá Carneiro —

Eu tinha — A estufada d'água, transbordante de lírios, chocando afetos na minha alma revolvida! Além... a minha sombra entrelaçada de siro, gestos de chumbo, espirais de carne... a morte! E nessa sombra, lá estava Ela, sempre afetos, bebendo-me glórias, dispersando a sua beleza, numa loucura de luz!

No leito do seu olhar eu tinha o seu perdão! Maldição! Maldição!

Eu não a conhecia. E era Ela! Beijava-me de sonho, e eu não sentia os seus beijos, lágrimas de mim, saudades da sua carne! Toda nua encrocava-se por mim e eu morria-lhe os seios em anéis de delírio! E não a conhecia! Bailavam-lhe nos dedos as minhas próprias saudades! Sentia-lhe mistério no seu olhar... a mordida-me tornava em face da desconhecida!

Rosas desfolhadas, nuvens douradas, halitos emagrecidos, violinos de dor... beijos-lhe arminhos... Ela! Ela! Ela, era a minha alma!

Faro, 2-2-1917.

HORACIO.

Melodia de Saudade

a Vivino

Manhã! E tudo era manhã!... Riscos de arminhos dum sonho de luar: O ar era dum perfume que sabia, e as rosas desfolhadas tornava da minha alma. As cigarras adormeciam seu canto... e já as borboletas espantavam o dia!

Pierrots numa corrida louca era uma fila de andas...

Harpa da minha alma gemia de Belezas...

Beijo as minhas mãos que o teu perfume ainda não esquecera e elas dizem-me saudades dos beijos que se perderam...

Perdeu-se a minha Barca de ouro, de velas de setim. E a noite seus destroços ainda choram saudade!

E eu choro a saudade da esperança que me ardeu.

A Parca antiga joia de mim ciumenta e pergunta a Sombra quem levava minha alma!

Em rolos de fumo bailam os meus desejos, e os seus bálsamos vão a sombra dos meus desejos.

O jardim entristece-lhe o milho e os cisnes ainda choram pela meiga do jardim.

A minha Saudade caminha para o Lago de Sangue, e a Negra Parca num sorriso do bronze: — Ingrato, qual será o teu fim sem a minha protecção!

Faro, 3-2-1917.

NESSO.

POR ESSE MUNDO

O celebre Raspoutine

Algumas pessoas recém-chegadas da Rússia dão certos pormenores, às vezes interessantes, sobre a actividade do celebre Raspoutine, nos últimos tempos da sua vida. Parece que nunca a influencia desse pretendido monge foi maior em certos meios moscovitas. A sua lenda fizera-lhe um renome incomparavel entre as mulheres; e era o publico feminino das mais altas classes que os seus maus instintos sem freio o levavam a preferir para o seu proselitismo. Os retratos representavam esse homem quasi como uma especie d'asceta de barba longa e hirsuta. Na realidade, ele vestia-se, pelo menos nos ultimos anos, com requintes extraordinarios de elegancia. Contase que a sua roupa branca era toda de seda. As suas relações de grande intimidade com damas russas da mais alta linhagem parecem provadas, e parece provado tambem que ele puzera todo o seu prestígio e todos os meios, mais ou menos secretos da sua influencia ao serviço da causa alemã.

O seu assassino foi um principe casado com uma das mais lindas mulheres de Petrogrado. Sobre o assunto, o inquerito judicial não prosseguiu.

O ouro

A produção de ouro no Transvaal, para a qual tanto concorreram os indigenas da provincia de Moçambique, que para ali são contratados, attingiu, durante o mês de Outubro ultimo, 729.339 onças, no valor de L. 3.365.642.

A produção desse mês foi das melhores em todo o ano.

O numero de indigenas empregados foi de 216.595, tendo trabalhado 9.642 machos.

Culto Camiliano

Já decem entrada, como determina a Lei de 14 de Fevereiro de 1907, na respectiva repartição do governo civil, a participação de se haver constituído em Lisboa, esta Associação Nacional de Interesses Patrioticos e o seu Estatuto, donde constam os seus fins, regimen interno, sede e domicilio.

Embora só agora se começasse a fazer a distribuição do Estatuto e circulares de convite, já esta simpática Associação con-

Perfume

Sonho embriagante da Resencia,
Dóce arrebol espiritual,
Sinto-me preso na ressonancia
Da tua curva sensual.

Capacidade redonda, auriluzente,
— GOLGATES «ECLAT» —

NEW-YORK.

U. S. A.

a azul e branco. Frasco transparente
Talha minuciosa de Pondá!

Halito vivo de flores mortas,
Alma fulgindo a florescer,
Misterio errante que me confortas,
Nas ansias tristes do meu viver,

Abres-me as portas do Delírio
Sinto-me em sonho opio e setim;
Esqueço da vida e atros martírio,
e ascendo á torre do marfim!

Grças a ti, força adorada,
Torno-me Luz, Constelação!
E' que tu trazes-me a Minha Amada
Na tua propria ondulação!

Porto, II—1917.

VIVINO.

Metamorfose

O milho nas eiras,
O sol no zenith,
Em pracer felino,
Perturbava.
Perturbava-me em ti.

Mas eu isolado e frio,
Longe da intimidade das almas
No sossego inquieto,
Aloqueitava.
Aloqueitava-te em mim.

Corria o mundo, corria sempre,
E o sol no zenith,
Solitário e doente,
Olhava,
Olhava-te em mim.

Então, no Desespero feroz,
Passou a Vida.
Em hiperboles sonoras
Amalgamava,
Amalgamava-me em ti!

Janeiro, 1917.

A. QUEIROZ.

Carta a um amigo

Meu Caro

Faro, no primeiro mez do ano de 1917 D. C.

Não quero que V. diga que o olvidei; por isso apresso-me a responder á sua carta de... há tanto tempo já!... que muito agradeço; mas são tantas e tão pesadas occupações e depois sinto-me tão aborrido nas rápidas férias em que toda a minha dispersão é encaixada e enlevada no Além, que todo eu sou sons, argucias e batismos de amarguras. — Que quere?

A nostalgia dos Poetas e dos Pintores envolve-me como a «scharpen» eolia do grande Egi, tornando-me tão op-co, que sinto faltar em espirais agudissimas todo o meu Ser, apoiado na curva da vaga, que em perpétua modelação vem escalfar-se na praia do meu Pervir.

Como poderei eu, digi-me meu caro, — como poderei produzir algo que vos agrade, se a visão, a grande visão que me enche todo, todo, mesmo todo a transbordar, aspira ao Nada, ao Além?

Como quereis que vos ofereça essas «Sonatas» que traduzim o meu sentir, pois se, eu não sinto as cousas que sinto?

Quero-me todo «sinto-me eu no outro, perco-me a afecção-me e encontro-me no fundo do abismo da minha grande Aspição!

Tudo eu sou bocadinhos de vidro lapidados em sons. Faleço-me todo, em brilhos no Outono das cores. E é neste estado de alma que tenho interpretado os meus ensaios musicais, este grande Poema «Algarve».

Quando vim para cá, isto é para o Algarve, sonhava-me maravilhas, terra celeste e miraculosa em que as mulheres tinham olhos de fogo e cabelos negros. Mas de logo, só tenho visto este sol e negro só a existencia actual!

Quando a Revista de Arte, se pertence á grande Arte, do Além, mande, mande que terá aqui bom acolhimento nesta patria de futuros poetas muito jovens, — uma pleiade de jovens, todos aqui amando, com paixão, a grande Arte da decadencia — a arte Dionisia.

Ancias, e mais, Ancias por V. Seu,

Belmino.

P. S. — Digas saudades por mim, á Avenida do Chiado, á Brasileira do dito, e á inviolável Patriarcal.

ta a adesão, como socios efectivos, os seguintes: Sr. Alfonso de Azevedo Nunes Branco, Antonio Tavares de Carvalho, dr. Custodio José Vieira, Delfim Guimarães, dr. Joaquim Madureira, João Celestino Pereira de Sampaio, dr. Julio Dias da Costa, Manuel de A. censão Espinho, dr. Mário Tavares de Carvalho, Joaquim Guilherme da Costa Caldas, Raul da Costa Santos, Vitor Chaves de Almeida, dr. Aureliano de Mira Fernandes, Antonio Ribeiro de Seabra, dr. Alfre o Bensaude, Manuel dos Santos, Carlos de Macedo Branco, Joaquim Rodrigues Simões, Antonio Maria de Oliveira Belo, João Moniz Pereira, Francisco Heremegildo da Silva Pinto, Henrique de M. ndonça Alves, José de Assis Camilo, José Rodrigues Simões, dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

Veja-se, na secção competente, o annuncio da importante Casa Santos, Limitada e Lisboa.

Automobilismo

Veja-se, na secção competente, o annuncio da importante Casa Santos, Limitada e Lisboa.

Antologia do Algarve

POESIA

PRECE

O meu Deus! Meu bom Senhor!
Fazei já chorar o Ceu,
p'ra que ria o lavrador.

dai-lhe, já, na primavera,
um belo trêcho de inverno.

O meu Deus! Meu bom Senhor!
Fazei, já, chorar o Ceu,
p'ra que ria o lavrador,

que ele é de amor e carinho
e nele se encerra a essencia
e se resume a bondade
e a felicidade
do seu lar e do seu ninho...
e da Arte, mais da Sciencia!

Ponde tudo d'harmonia.

E se ele, ainda, entretanto,
continuar no seu pranto...
seja o pranto de Alegria!

Visto que, sempre, acontece,
como justa e sábia regra:
que o que a multos entristece,
a varios outros alegra,

O meu Deus! Meu bom Senhor!
Fazei, já, chorar o Ceu,
p'ra que ria o lavrador!

SALAZAR MOSCOSO.

PROSA

CONTOS E NOVELAS

CINZAS...

Nestes dias tristes de inverno, em que o céu se esquece de ter esplendores, apresse-me a recordar Alberto, aquele privilegiado espírito de poeta, que passou por este mundo sempre incompreendido e alvejado pelos sarcasmos de uma turba alvar de despeitados, invejosos da chama de gentio que lhe luzia nos olhos e dos sorrisos de simpatia, que tão facilmente a sua alma candida, ungida de bondade, obtinha de quantas mulheres o conheciam.

Alberto era um bom, um sentimental, um espirito em constante vibração perante a misteriosa influencia da Beleza. Os ignorantes — cegos insensíveis a grande luz da espiritualidade, — apodavam-no de conquistador, a ele que era um místico procurando incessantemente a perfeição espiritual, e se, nas horas de ócio, acaso o viam preferir os sitios ermos, na ansia de entregar-se todo á doce contemplação da Natureza, entretinham-se a inventar-lhe idilios, entrevistas amorosas sob a grelha verde das arvores, a luz rubra do poente, ao som de trilados de aves...

Pobre Alberto! Eras uma nobilissima alma de poeta e o vulgo não te compreendia! Sabias sentir como ninguém os prodigiosos effluvis da Beleza. Emanante, deliravas em extase na contemplação dos aspectos do céu, da tremulina ondulante das águas, da policromia das flores, da graça esbelta do troncos ou das linhas rígidas dos rochedos, o mundo, julgando-te formado do mesmo barro ignobil e vulgar, apenas sabia escarnecer-te e, se não tinha a coragem para insultar-te, lançando-te á placidez do rosto os jactos da baba infecta da calúnia, envenenava na sombra, no recato misterioso da dissimulação e do disfarce, a tua personalidade tão notavel, tão apreciavel no seu característico desprendimento das coisas terrenas!

Tu sabias-lhe bem, mas, alma generosa, jamais quizeste macular teu espirito em pensamentos que te approximassem da lama, tu que nem com os imbecis usavas gastar palavras!

Alberto acaba de morrer, em terras de França, onde o dever o chamou, lutando com os brutais soldados do kal-

ser. A triste nova chegou-me ha poucos dias. Estou ainda sob a dolorosa impressão que ela produziu em mim, seu unico amigo, o seu confidente de alegrias e tristezas!

Dias antes de partir, Alberto confiara-me os seus papeis mais importantes; todos aqueles em que, por assim dizer, se vê o intenso palpitante da sua vida e o volitar das abelhas de ouro dos seus inspirados sonhos.

Entre os papeis figura um manuscrito mais do que todos precioso, onde o poeta registava todas as suas impressões, toda a sua amavel correspondencia com Silvina de Melo, encantadora joven que a tuberculose ha muito arrojou para a escuridão do tumulo.

Ao entregar-me o seu manuscrito, — a historia dos seus amores, — Alberto pediu-me que o publicasse com o suggestivo titulo de «O livro de um Morto». Não me marcou prazo para o cumprimento deste piedoso legado, entretanto como ainda viem alguma das personagens boas e más que figuram naquelas paginas, talvez me veja forçado a legar a meus netos uma tal incumbencia.

Entretanto, relendo o manuscrito de Alberto, não resisti á tentação de transcrever hoje a carta que segue:

Silvina.

Sugestionado pelo lindo sorriso que parece animar o seu formoso retrato e pelas excessivas amabilidades da sua carta de hoje, escrevo-lhe na tentativa por certo vã, de procurar envolver o seu luminoso espirito no ambiente de saudades em que volita a minha alma.

Agradeço-lhe muito o seu cuidado em responder-me e não sei de palavras com que possa traduzir o meu profundissimo reconhecimento perante as suas amabilissimas referencias ás minhas pobres cartas.

Chama-lhes a minha gentilissima confidente «pedras preciosas».

Mas sabe? Não é assim que eu desejo que as oculte em seu seio, visto que, pela sua bondade lhe apraz conceder-lhes um tão precioso resguardo...

As pedras preciosas, ainda as mais raras são, como sabe, tão ricas em fulgurações como pobres em sentimento... Uma linda ametista brilha com tão igual intensidade no anel de um morto como no colar que adorna o peito escultural e pal-

esse recomendações para qualquer dos indivíduos atrás mencionados era na noite do mesmo dia, apresentado no sinedrio.

Que de gente que vimos ali! Diplomatas, conegos, jornalistas célebres, veneráveis banqueiros, negociantes sisudos, titulares, cantores estrangeiros, o celebre Hermann, o valente Hercule Napoli, o marido da Volpini, o deacho!

Uma noite foi ali apresentado um padre da Beira, que descera das suas nevozas montanhas, para ir pregar a lei do Cristo aos selvagens dos serões de Africa.

—Quantos Sermões leva o senhor? perguntou-lhe João Penha depois de travadas as primeiras palavras de apresentação.

—Sermões! Não levo nenhum.

—Pois faz mal. E' preciso que os leve, e cousa que se veja. Eu sou de Braga e não sou profano na sagrada teologia. Apareça mais versês, e conversaremos a tal respeito.

O padre veio uma, duas e tres vezes: gostava daquelas discussões, saboreava-as, foi adiando o dia da partida; despedia-se hoje e voltava amanhã, atraído e fascinado, como um anacoreta, que de repente se visse numa orgia asiatica.

Passados dois meses partiu efectivamente, levando duas dúzias de sermões, dictados por João Penha.

—E digam depois, repetia vaidosamente o Poeta, que eu não cooperei para a civilização!

Era na sala do Homem do Gaz que se discutiam os mais arduos problemas, que se fazia a critica dos livros apparecidos e dos artigos, jornalisticos, e que se inventavam as mais paradoxais e extraordinarias theorias a respeito da Arte, da Sciencia e dos Costumes. Havia ali estudantes de todas as faculdades: juristas, matematicos, filosofos, teologos e medicos, quasi todos premiados. Cada qual varria a sua testada, conforme podia e conforme sabia.

João Penha envolto dum comprido e amplo casaco coureur de muraille, com um bonet húngaro na cabeça e as mãos atrás das costas, cortava diagonalmente a sala com os seus passos solenes e graves. De vez em quando parava para ouvir mais atentamente a discussão, e dava a sua sentença. Preferia a todas as discussões as que versassem sobre teologia e sobre medicina, e tinha a vaidosa pretensão de dizer sempre a ultima e decisiva palavra a tal respeito. Para João Penha havia um unico remédio na terra, um unico: o vinho.

—O vinho consola; o vinho cura; o vinho dá vida e vigor; o vinho é a grande alma, dizia ele.

Não o aconselhava somente aos homens, da-a aos cães, aos gatos e ás aves domestas e chegou um dia a empregar esse arcano medicamento num mangelicão. Este caso, foi muito falado: na janela do quarto de João Penha, da qual ele podia dizer como Marcial — *rus est mihi in fenestra* — havia entre outros vasos de flores, de bigônias e de tulipas, um humilde vaso de mangericão. Humilhado de se ver em tão lustrada companhia, o mangericão com cou a desmatar, e a perder a cor, João Penha que o esmurrava emborçou-lhe na rama dois decilítrios de vinho. Ao outro dia o mangericão appareceu expandido, cheio de vida e a regar-lhe de seiva. O poeta bate as palmas, sorri triumphante. E, nesse dia e nos seguintes não se fatava em outra cousa em toda a academia: vinha gente aos magotes examinar a maravilha; a Medicina representada por Bento Moreno, a poesia por Guerra Juqueiro, a Universidade pelo dr. Luiz Jardim, subiram ao quarto de João Penha, e desandava tudo, pela escada abaixo com as mãos na cabeça.

—E singular, é extraordinario, é espantoso! Estava fraco, afirmava João Penha, anêmico, precisava de vida que só reside no vinho!

E pela manhã, e ao cair da tarde, vinho que te valha! O excesso porém da droga começou a apodrecer o pé da plantação, e as folhas entraram a amarellear, e os ramuscillos a engoiarem-se e a pender.

O poeta contemplativo, e como que possuído da sensação ínfima de um grande facto misterioso, murmurava para o mangelicão: — *o meu vinho!*

—Olha o berracho! Como ele se põe! como quem diz: se não fosse o vinho, ainda a estas horas estaria com vida, ladrão!

O Homem do Gaz, um lagalão como umas cas, adorava João Penha; tinha sido patuleia, orara em clubs turbulentos, e gostava de recordar essas epochas gloriosas de luta.

Continúa.

REMÉDIO FRANCÊZ
o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1802
VERDADEIROS

Grãos de Saúde
do Dr. Franck

(VÉRITABLES GRAINS DE SANTÉ du Dr. FRANCK)
Em todas as Pharmacias e Droguarias

DEPOSITARIO:
J. DELICANT, 25, Rua dos Sapeteiros, LISBOA

pitante de vida de uma mulher formosa.

A's esmeraldas que, com as safiras invejam a perturbante cor verde-azul dos seus formosíssimos olhos, acontece, coisa idêntica; quanto aos diamantes—as mais raras gêmeas decorativas descobertas até agora pela vaidade do homem, fulguram quasi de preferência, em anéis caros, nas mãos de pessoas que, quasi sempre, por completo ignoram o que seja esse manancial de dores e alegrias, que existe nos espíritos bem formados, chamado *sentimentalismo*...

Desconhecendo essa prodigiosa eutímia da alma, apenas apreciam, esses cegos, tais pedras, não pelas irisadas scintilações que emitem, mas pelo valor que representam, pela riqueza que denunciam.

Não assim as minhas pobres cartas... Singelas, porque ao escrevê-las apenas escuto o que me segreda o coração, procuro que todas vão para si impregnadas desta atmosfera passional de que, em minha fantasia, me habitei a aureolar a sua fulgida imagem...

Não! Peço-lhe que não as considere como pedras preciosas que, por mais lindas que fossem sempre haviam de carecer do calor suave que o seu corpo lhes emprestasse.

Não! Desejo apenas que as guarde como pequeninas sentinela do grande fogo que abrasa o meu espírito e que os seus formosos olhos, embora participem da cor misteriosa das águas dormientes, tão impiedosamente souberam acender...

Considere-as como espontaneas florações da minha alma, abrindo-se para exalarem perfumes que só por si podem ser aspirados... ame-as com o efêmero affecto que dedica às flores suas irmãs, mas não as compare às pedras preciosas, tão frias como insensíveis, lindas e deslumbrantes.

Adeus! Perdoe-me todos estes longos devaneios de que só é culpada a sua linda imagem que a todos os instantes prepassa no meu espírito.

Faro, 1916.

Alberto.

São todos assim, impregnados da mais doce espiritualidade, os trechos do «Livro de um Morto». Entretanto, apesar de simples, estou em crer que poucos saberão entendê-lo apreciando-os em todo o seu brilho de pureza e sem esta maldade tão própria do genero humano que chega a ser, afinal, como que uma segunda natureza de todos nós.

LYSTER FRANCO.

Lá por fóra

Os bilhetes de teatro

Os jornais de Londres referem a aventura desagradavel occorrida ha dias a dois jovens recém-casados, ambos pertencentes a familias acomodadas, que estavam instalados em uma elegante casa de Wimbledon Park.

Os presentes da boda estavam sobre caseiras e canapés e ocupavam varias habitações, pois não tinha ainda havido tempo de os arrumar. A criada que seus pais lhes haviam mandado adoececer e havia entrado num hospicio e enquanto não encontravam outra, mandavam vir a comida dum restaurante.

Em uma das ultimas tardes, eram sete horas, bateram á porta. Era um distribuidor do telegrafo que trazia um pneu.

Abriam-no e encontraram dentro dois bilhetes de «fauteuil» para aquella noite em um dos principais teatros de Londres, acompanhados por um papel em que

Cooperativa «Providente»

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Sede em Faro

—Estatutos—

CAPITULO I

Organisação, sede, denominação e fins da sociedade:

Artigo 1.º—E' creada em Faro uma cooperativa de consumo, sociedade anonima de responsabilidade limitada, com o titulo de «A Providente»—de numero illimitado de socios.

Artigo 2.º—O capital social sera variavel e representado por accções, conforme se preceitua no n.º 4.º dos artigos 9.º e 47.º.

Artigo 3.º—O objecto e fins desta cooperativa são:

1.º Fornecer aos socios generos de alimentação, por preço minimo, e quaisquer outros artigos que se julgarem necessario á vida social.

2.º Estabelecer pela capitalisação de lucros e quotas, um fundo destinado a garantir pensões aos socios que para elles quizem contribuir.

3.º Coodjuvar ou criar quaisquer outras

mão anonima traçara as seguintes palavras:

«São para esta noite. Adivinhem quem os envia.»

Os noivos entregaram-se ás conjecturas. Quem seria o simpatico amigo que os obsequiava tão delicadamente? Fosse quem fosse, resolveram aproveitar os bilhetes.

O marido envergou a casaca. A esposa vestiu uma elegante «toilette» e ambos se fizeram conduzir ao teatro em um «cab.»

Passaram uma noite muito agradável porque a peça era alegre e vistosa e a concorrência numerosa e distinta.

A's 11 e meia, terminado o espectáculo, alargaram outro «cab» e regressaram a casa.

Pelo caminho tornaram a entregar-se ás conjecturas.

—Isto não foi senão o brincação do tio Tom!—dizia o marido.

Ao entrar em casa ficaram atônitos. Havião soffido um saque em toda a linha. Os presentes de nupcias haviam desaparecido, bem como toda a prata que se encontrava na casa de jantar e algumas notas de cem libras que tinham num armario.

Sobre uma mesita, de pé de galo, em sitio bem visível, encontraram um papel em que estava escrito o seguinte:

«Agora já sabem quem lhes ofereceu os bilhetes no teatro.»

Efectivamente já sabem: foram os gatunos.

Agora, a policia tem a curiosidade de saber quem são esses gatunos...

E talvez os descubra.

O cão de Desdemona

O «Otello» representou-se ha dias em Odessa com uma nova scena, tão inesperada quanto original.

O papel de Desdemona estava confiado a uma linda e grande actriz que chegou áquella cidade fússua na doce companhia dum cãozinho, fiel e inseparavel companheiro da illustre artista.

Na noite da representação, Desdemona fez que o seu cãozinho ficasse encerrado no camarim enquanto ella estava em scena; mas ao começar o quarto acto o pequeno tóro não apparecia.

Começa o acto Desdemona reza; Desdemona deita-se; Otello penetra no dormitorio da sua innocente esposa. Empunha o punhal e quando simula enterrá-lo no corpo da inteliz conjuge, apparece em scena, como por encanto, o fiel cãozinho ladrando furiosamente; e convencido, sem duvida, de que a sua dona é vitima a valer daquele monstro dos ciúmes, atira-se a ele á dentada e põe em farrapos o traje do artista!

O fradiqueiro estava tão valente que não largava a presa. Foi preciso que Desdemona se levantasse, depois da punhalada, e lhe falasse. Só assim entrou na ordem...

Esta scena teve um exito de gargalhada completo, absoluto.

«O Heraldo», em Saboia

Quando no dia 6 o comboio, n.º 202, passava ao kilometro, 202-200, entre Pereiras e Saboia, descarrilou um vagon, com carregamento de cortiça em prancha, soffrendo um dos rodados do carro, gróssas avarias, ficando a linha destruída numa extensão de 870 metros. O chefe da estação de Saboia, mandou immediatamente ao local do descarrilamento uma machina com um vagon raso, vazio, com pessoal para descarregar o vagon descarrilado, vindo este depois, até Saboia amparado áquella.

Foi depois ao local do descarrilamento a machina de Saboia, com um vagon carregado a cortiça que ficara na via.

Ignora-se a causa do descarrilamento, não tendo havido desastres pessoais. C.

instituições de beneficencia mutua e reconhecida utilidade dos socios.

Artigo 4.º—Esta cooperativa regula-se pelo presente estatuto, peloCodigo Commercial e por outras leis que lhe forem applicaveis.

Artigo 5.º—Este estatuto poderá ser alterado pela assembleia geral, em caso extremo e de comprovada necessidade.

CAPITULO II

—Socios—

Artigo 6.º—Podem fazer parte desta sociedade todos os individuos nacionais e estrangeiros domiciliados no paiz, sem distincção de sexo, que tenham boa reputação moral e occupação conhecida.

Artigo 7.º—Ha tres especies de socios: Socios acionistas—socios pensionistas e de merito.

a) Socio acionista é todo aquele que, tendo adquirido uma ou mais accções, faz consumo permanente na cooperativa, e por este facto tem direito ao juro proporcional ao capital e ao consumo, ou dividendo.

b) Socio pensionista é todo aquele que tendo uma ou mais accções, contribui com quota para o fundo especial de futura pensão que poderá usufruir ou legar a pessoa ou pessoas da sua familia.

c) Socio de merito é aquele que, sem outros direitos assim for considerado pela

El Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saidas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

REMEDIO FRANCES



REMEDIO FRANCES

SPORT

Campeonato Farense

Começou num domingo passado o campeonato do Algarve, que este ano será rijamente disputado, não só pelos grupos de Faro, mas tambem pelos de Olhão, Lagos, Vilareal e Portimão.

Deve-se esta patriótica iniciativa a uns devotados «sportemen» que, pelo desenvolvimento fisico, da nossa raça, tanto se têm sacrificado, destacando-se entre elles, os srs. José Saraiva, Alfredo da Silva e Cunha Belem.

Como acima dissemos, principio o campeonato no dia 28, jogando em 2.ª categoria o Sport Lisboa e Faro e o Risonho Club Olhanense, que ficou victorioso por tres bolas a 0. Não houve o annuncio em primeiras, entre o grupo da Associação Academica e Sporting Club Farense, em virtude da chuva e o estado do campo não o permitir.

Eram 14 horas e meia e o juiz do campo, sr. Ferradeira, dá o sinal de começar, e vemos com curiosidade ambos os grupos apparecerem em campo devidamente equipados apesar da chuva ainda e importuna que começou logo a cair. Talvez devido a esta circunstancia o desafio decorreu monotonamente ser no principio da 2.ª parte, quando o Sport Lisboa e Faro se entusiasmon um pouco. O Olhanense agradou-nos muito todo o ataque, especialmente a meia e ponta esquerdos, que são elementos de valor para 2.ª categoria, e tambem á forma correcta como se portaram, excepção feita ao meia direito Joaquim Bento, que é um cohecido desordeiro no foot-ball para o que chamamos a atenção não só do juiz de campo como de capião do mesmo grupo. N.

Por esse Algarve

Cachopo

A junta de parochia desta freguesia, impressionada com o estado affitivo em que se acha a classe dos trabalhadores rurais, reuniu-se extraordinariamente para pedir ao governo providencias urgentes para ac-

assembleia geral, por ter feito donativos valiosos ou prestado serviços relevantes á sociedade cooperativa.

Artigo 8.º—Para ser admitido socio, é indispensavel:

1.º—Adquirir ou subscrever uma ou mais accções;

2.º Pagar \$30 centavos de estatuto e regulamento interno.

Artigo 9.º—As propostas de socios deverão ser remetidas á direcção, indicando o numero de accções que pretendem adquirir e a forma do seu pagamento.

1.º As accções poderão adquirir-se a pronto pagamento ou a prestações semanais ou mensais não inferiores a \$10 ou a \$40 centavos.

2.º O socio inscrito, depois de satisfeita a importancia do estatuto e regulamento interno, poderá logo entrar no gozo do direito de consumo da cooperativa, mas só terá direito a dividendo depois liberadas as accções subscritas, ou pelo menos uma delas.

Artigo 10.º—O socio que voluntariamente abandonar a cooperativa não tem direito a receber qualquer parte da importancia capitalizada que constitue fundo da Sociedade.

Artigo 11.º—Os socios que depois de liberadas as accções com que subscreveram, se retirarem da sociedade voluntariamente

dir á grande crise, derivada da extraordinaria carestia das subsistencias e da falta de trabalho nos campos e nas estradas, que foi sempre um recurso para os pobres. A fome já se manifesta e urge acudir, antes que os seus efeitos venham caminho da miseria publica, como é de esperar. Os proprietarios mal podem acudir com os poucos trabalhos agricolas a esta grande crise, que em annos anteriores tem sido resolvida pelos trabalhos nas estradas. Para estas freguezias seria de grande vantagem que o governo mandasse continuar a construção, suspensa no corrente ano economico, contra a expectativa de toda a gente. Por isso a junta vai pedir ao governo que mande continuar a construção da estrada que liga os distritos n.ºs 193 e 194, que é unico meio de manter os jornaleiros e suas familias, libertando os da fome que os ameaça.

O aspecto das searas, apesar da invernia prolongada, é promettedor.

C.

NOTICIARIO

Regressou no dia 8 a Faro o sr. dr. Joaquim da Ponte, illustre governador deste districto que conferenciou em Lisboa com o sr. ministro do interior.

— Parece que vai deixar brevemente o cargo de primeiro comandante da Escola de alunos maricheiros de Faro, o capitão de fragata sr. Pereira Nunes, a fim de ir substituir o capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro no comando do cruzador «Adamastor», que regressou a Lisboa por opinião da junta de saude.

— Entre os processos contenciosos ha dias distribuidos foram os dos srs. José Francisco Peres, José Peres Maldonado e João Antonio Mansinho, contra o Monte-pio Artístico Tavirense.

— A comissão executiva do Congresso regional pediu ás delegações da Sociedade Propaganda de Portugal no Algarve e ás camaras municipais desta provincia que lhe indicassem, com a possivel brevidade, a propriedade ou propriedades onde pode ser instalado o posto agrario zootechnico, que es-

ou forem eliminados por incursos em quaisquer das penalidades destes estatutos, poderão requerer á direcção o pagamento das suas accções, trinta dias depois de apurado o balanço anual, conforme o disposto no artigo 222.º § unico doCodigo Commercial, com as seguintes deducções (art.º 209.º doCodigo Commercial):

Se provarem que foram socios por tempo inferior a 2 anos:—20 por cento. A 3:—15 por cento.—A 4:—10 por cento. A 6:—5 por cento, mais de 6 anos o valor integral do capital subscrito.

§ unico—As accções só poderão ser reembolsadas quando desse reembolso não resulte perturbação nas operações commerciaes da sociedade; sendo-o porém logo que cesse esta circumstancia.

Artigo 12.º—A admissão dos socios será feita pela direcção da seguinte forma:

1.º—Sob proposta escrita pelo pretendente ou por um socio;

2.º—As mulheres casadas deverão juntar autorisação legalisada dos seus maridos; os menores dos seus pais ou tutores.

3.º—A direcção approvará ou rejeitará a proposta, dentro do prazo de quinze dias, a contar da data da sua apresentação.

4.º—Se a direcção se pronunciar pela rejeição, o requerente que se julgar lesado, poderá recorrer por escrito para o presidente da assembleia geral que a esta submeterá o caso sujeito.

Continúa.

tá sendo creado e não funciona ainda por falta de terrenos e sitio apropriado. Logo que eles appareçam, o director geral da agricultura irá ao Algarve, afim de examinar as propriedades indicadas e escolher a que melhor lhe convier.

— Foram promovidos a alferes melicianos no quadro do regimento de infantaria 4.ºs srs. Jaime Coriolano Leça da Veiga, Francisco Pires Veiga, José Pereira Fonseca e Jordão Gregorio Cansado Conde.

— O sr. dr. José de Padua compoz uma melodia religiosa que foi cantada por um grupo de crianças da Junção do Bem numa festa na igreja de S. Nicolau, de Lisboa, pedindo a protecção para os soldados portuguezes, que partem para a França.

— Foram mandados juntar, pelos serviços prestados na defeza sanitaria, para debelar a peste bubonica que grassou ultimamente nalguns pontos da nossa India, os srs. capitão Passos Ribeiro, tenente Almeida d'Eça, capitães-medicos Indalencio de Melo e Correia da Silva, alferes Alves Vieira, capitão-farmacêutico Silva Amorim e varios sargentos do exercito.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 11—D. Maria das Dores Barroas Sanchez, D. Maria de Lourdes Ferreira, D. Maria Helena da Silva Pinto, Antonio Carlos Viegas, José Joaquim Alves e a menina Maria das Dores Mendonça Coelho.

Segunda-feira, 12—D. Maria Luiza Frutuoso da Silva, D. Clara Abessatis Fernandes Viegas, D. Maria Victoria de Matos Cumano, Rodrigo Ferreira Abaim, Fernando Barbosa e Pêgo, José Pereira Espada Calapez e João Afonso da Encarnação.

Terça-feira, 13—D. Maria Garcia Ramirez, D. Augusta Xavier da Silva Melo e Sado, D. Gertrudes do Carmo Palmeira, José Francisco Travassos Neves e Joaquim Hipolito Travassos.

Quarta-feira, 14—D. Maria José Viegas, D. Emilia Garcia Ramirez, D. Aurora Paula de Melo, José Francisco Teixeira, Antonio Pedro Gonçalves, e o menino Antonio Benedito de Sousa, filho mais velho do sr. dr. João Pedro de Sousa.

Quinta-feira, 15—D. Jovita Clara de Moura, D. Maria Candida Gilberto, dr. Mateus Teixeira de Azevedo, José Carlos Ferreira de Sousa, Antonio Ramirez e Joaquim da Silva Palma.

Sexta-feira, 16—D. Henriqueta da Conceição Silveira Borges, D. Luiza do Carmo Alves, Antonio Fernando de Rego Chagas e Miguel Apolinario Duarte.

Sabado, 17—D. Maria da Conceição Viegas, D. Antonio Silvestre Correia, Antonio de Brito Oliveira e Manuel Balalvo.

Casamentos:

Pelo sr. Mateus da Silveira, negociante e industrial desta cidade, foi pedida em casamento para seu sobrinho, sr. Herculanio da Silveira Herdeiro, Mademoiselle Maria Ana Ramos, gentil e mui prezada menina afilhada da sr.ª D. Ana Ribeiro Crispim, viuva do falecido conservador desta comarca dr. José Diogo Frederico Crispim.

Doentes:

As sr.ªs D. Alzira Mendonça, D. Ana Pereira Luz, D. Eulália das Dores Costa, a esposa do professor sr. Raul Carneiro, a esposa do sr. Joaquim Xabregas, o sr. dr. José Vaz Judice Abaim, o sr. Josiah Abram, a menina Albetina de Sousa e o menino Ruy Lueiro.

Desjejuamos-lhes prontas melhoras.

Neurologia:

Faleceu nesta cidade o sr. Manuel Maria da Costa Guedes, filho do guarda-livros sr. Costa Guedes.

—Faleceram em Tavira o sr. dr. Zeferino Antonio de Sousa Palmeiro, D. Cristina Fagundes, Antonio Militão da Paz, José Manuel Castimiro, a sr.ª D. Alexandrina do Livramento e o sr. Luz, a sr.ª D. Maria Candida Heria.

—Faleceu em Cachopo uma filha do agricultor sr. Manuel Dias.

A's familias enlutadas os nossos pesames.

Arrematação

Faço saber, que no dia 25 do corrente mez, pelas 14 horas, na Delegação da Assistencia Nacional aos Tuberculosos nesta cidade, e perante a direcção da mesma, se procederá á arrematação do fornecimento de pão desde 1 de Março proximo futuro a 30 de Junho de 1918, aos doentes a cargo da mesma Delegação, podendo as condições do concurso e caderno de encargos ser examinados no dispensario, todos os dias excepto aos domingos, das 11 ás 13 horas.

Faro, 7 de Fevereiro de 1917.

Pelo Secretario

Manuel Ferreira Pessoa Abaim.

Quarto e pensão

Deseja-se um bom quarto, ou quarto e pensão, para um professor do liceu, resposta a esta redacção.

Rapaz

Oferêce-se, de 20 anos, com exame de instrução primaria do 1.º grau, para se occupar em qualquer serviço. Esteve 7 anos como ajudante de laboratorio e tem atestado de bom comportamento.

Carta a Francisco Antonio Rosa —Sítio dos Gorjões, Santa Barbara de Nexe.

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada 80-2.

Telefone—n.º 695

telegramas—Boamenal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia profunda pelo emprego constante metódico do OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que os mesmos afirmam, sem receio de desmentido, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% do consumo primitivo. Em motores de lubrificação automática embora os fabricantes aconselhem a limpeza do motor depois de um determinado percurso não ha receio de griparagem fazendo-se esta limpeza depois de um percurso dobrado ao aconselhado por esses fabricantes. Em motores cuja lubrificação é por

barbotage a economia não sendo tão sensível atinge contudo entre 30% e 40%.

Todos os resultados obtidos com o OILDAG são verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e o menor consumo de gasolina ao fim de 100 kilometro e economia esta que atinge por vezes 15%, a 20% do consumo primitivo.

Experimentar o OILDAG é usar-lo a todos os automóveis e a regra no seu proprio interesse, um pedido a título de experiência, que muito gostosamente satisfaremos.

VELAS "REFLEX,"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo. Elas próprias, e automaticamente se

limpam. As velas REFLEX tem por sobre qualquer outra, dobrada existência São, por consequência, 50% mais baratas. Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL

O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário. Para 5 passageiros.

Todos com iluminação, buzina e mise-en-marche electricas por dinamo.

Pneus Michelin

O melhor

Sempre stok

KLAXONS, VULCANISADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS

Thermoid—SEMPRE EM STOK

STUDEBAKER

O carro de turismo por excelência. O rei dos carros americanos. O máximo conforto. Carros com todas as caraterísticas.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Ex-empregado da Livraria Popular

Livros em todos os generos, novos e usados

Depositar das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra

Faz as mesmas condições de revenda que as proprias casas Editoras

LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Todos os livros proprio pelos preços de Lisboa

Instrução secundaria—Escolas normaes e liceus

Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos

Podir o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é remittido gratuitamente

Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sena Freitas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Júnior, João Chagas, Julio Dantas, Melheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto da Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arnoso, Conde de Monsaraz, Mario Monteiro, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre Antonio Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira e dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flamarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibanez, Paulo de Kork, Kropotkin, Lamartine, Larousse, Sienkiewicz, Tolstoi e Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da

RENASCENÇA PORTUGUESA

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NAC ONAES E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornaes romances nacionaes e estrangeiros

Aviso importante

Ququer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Todas as pessoas que desejarem algum artigo desta casa, devem mandar a sua importância em vale do correio. Se não houver na casa os livros que requisitem, pede-se imediatamente aos editores.

ALUGUER DE LIVROS

Todos os alugueres deixam em deposito a importância do livro alugado. Quando o restituirão deixarão 20 por cento, e receberão o restante da importância que depositaram.

Façam todos os pedidos ao livreiro

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades

Rua da Marinha, 15

FARO

Francos de porto

A BRAZILEIRA

—DE—

JAYME A. BUZAGLO

Especialidade em café, leite, bolos Bebidas nacionaes e estrangeiras etc. etc.

RUA DE SANTO ANTONIO, N.º 10, 12 e 14

—FARO—

Recebem-se estudantes

Optimo alojamento com luz propria, excelente mesa.

Preços módicos

Rua Manuel de Arriaga n.º 19

(em frente do Liceu)

FARO

"A ELEGANTE,"

RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo ortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da rovincia sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

Cooperativa "a Previdente,"

Nesta Cooperativa compram-se 2 potes de tolha que comportem 50 a 60 alqueires.

NOVIDADES LITERARIAS

Acabam de aparecer:

Recordações e Viagens

—2.ª edição, revista, por Antero de Figueiredo.

Um volume broch. 80, encadernado 120.

Minha Terra

—Lenço de cantigas, —No Meu quintal—poemes por Antonio Corrêa de Oliveira.

Historia de Portugal

por

A. Herculano

Setima edição definitiva e

illustrada, em 8 volumes

Dirigida por

David Lopes

Saíram os volumes I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII

Preço do volume avulso... 380

Assinatura da obra completa 5800

«Historia de Portugal»—por Alexandre Herculano.—Setima edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por David Lopes, ornada de gravuras e mapas historicos executados sobre documentos autenticos, sob a direcção de Pedro de Azevedo, 8 vol. broch. 7000.

RAMALHO ORTIGÃO

«Pela Terra Alheia»—Notas de viagem—Tomo II... 50 cent.

ANTONIO CORRÊA DE OLIVEIRA

«A Minha Terra»—Auto de Junho 2.ª edição... 30 cent.

«A Minha Terra»—VII.—Os namorados—Poema de Antonio Corrêa de Oliveira—Desenho de Antonio Carneiro.

«Literatura contemporânea»—Antero de Figueiredo.—por Fidalgo de Figueiredo.—I vol. 20 cent.

«Formulário ortográfico»—conforme o plano de regularização e simplificação da escrita portugueza, extraído do Vocabulário ortográfico e remissivo de A. R. Gonçalves Viana.—5 cent.

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Livraria Bertrand

CASAS

Vendem-se, bom rendimento.

L. Pé da Cruz, tratar Cunha, Procurador.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA DE SANTO ANTONIO, N.º 10, 12 e 14

—FARO—

Construção de pozos Artesianos—Vendem-se materiais para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, columnas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Instrução Secundaria e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO:—1250

Obra útil e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciência: as theorias químicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento. A parte descriptiva é rica na indicação de experiências atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida prática; e os problemas fundamentais de química elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações numeradas da disposição dos cálculos. Este compendio contém as matérias dos programas officiaes para o ensino da química em todos os institutos de instrução secundaria e profissional, e foi adoptado em seguida a sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriais, commerciaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 402 gravuras. PREÇO:—1240

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentado no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus ao por Decreto de 17 de novembro publicado no Diario do Governo n.º 261 do mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (D. O. G. n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presença de professor e facilita a revisão das matérias estudadas. Além disso, também no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numeradas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição.—seu metodo essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particular vantagens para se adquirir sem difficuldade as primeiras noções exactas da física, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normaes, mas também ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares industriaes e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (11.ª Edição). Um volume de IV: páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO:—2200

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentado no concurso de 1899, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no Diario do Governo n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (D. O. G. n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente accommodada a revisão geral do curso de Física nos liceus de harmonia com as instrucções que acompanham os programas de curso complementar, pois, além das matérias novas mencionadas nos programas de 6.ª e de 7.ª classe, contém as matérias das classes anteriores, e termina com uma desenvolvida e metódica collecção de 377 problemas numerados abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da adicção dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas em todas as escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das sciencias físico-químicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ao raios X, das correntes de alta frequência, dos radiocondutores; da telegrafia sem fio e da radionavidade. Os principios e deducções theóricas, as experiências demonstrativas, as applicações práticas e os problemas numerados, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theórico e pratico, a disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São também livros nítidos fóra dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra conhecimentos suficientes (receitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das razões dos corpos e da electricidade indispensaveis a sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos phenomenos da natureza encontram elementos que devem satisfazer as exigencias do seu espirito.

COIMBRA—Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

LIVROS

Publicaram-se os tomos 64 e 65 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a AILLAUD, ALVES & C.º—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

Morada—Avenida Almirante

Reis, 92, 1.º D.º

LISBOA

Carvão de Pedra

Para forja e para maquinas

Vende-se. Quem pretender diri-

ja-se a Pedro Carlos Lopes Martins

R. do Prior 41—a 49—

Faro.

ALMANACH BERTRAND

PARA 1917

Está á venda este bem redigido Almanach, um dos mais apreciados de Portugal.

Brochado—50 cent
Preço: Cartonado—60
Marroquim—1.00

Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75

Lisboa

"O Heraldo,"

Semanario Republicano Democrático, recebe publica e agradece todas as informações de interesse geral.